

ARTIGOS

Igreja Evangélica Árabe de São Paulo: Etnicidade e Sincretismo Cultural

Cesar Rocha Lima*

Resumo

Este artigo tem por objetivo compreender a origem da IEASP, a sua relação com a imigração sírio-libanesa, os seus ritos e as suas atuais tensões entre a etnicidade e o sincretismo cultural. Para tanto, ele serviu-se da pesquisa qualitativa destacando a observação participante nos ritos realizados nesta comunidade. Os resultados apresentados foram as tensões entre a identidade dos líderes desta igreja e a sua etnicidade religiosa, bem como as tensões no desuso paulatino da língua árabe na veiculação das mensagens nos seus ritos. **Palavras-chave:** Igreja Evangélica Árabe de São Paulo; etnicidade; imigração; sincretismo; assimilação e aculturação.

Arabian Evangelic Church of São Paulo: Ethnicity and Cultural Syncretism

Abstract

This article aims to understand the origin of IEASP, their relationship with the Syrian-Lebanese immigration, their rites and their current tensions between ethnicity and cultural syncretism. To do so, he has used the qualitative research participant observation highlighting the rites performed in this community. The results were tensions between the identity of the leaders of this church and its religious ethnicity, as well as tensions in the gradual disuse of the Arabic language in the transmission of messages in their rites. **Keywords:** Arabic Evangelical Church of St. Paul; ethnicity; immigration; syncretism; assimilation and acculturation.

Iglesia Evangélica Árabe de São Paulo: etnicidad y sincretismo cultural

Resumen

Este artículo tiene como objetivo entender el origen de la IEASP, su relación con la inmigración sirio-libanesa, sus ritos, y sus actuales tensiones entre la etnicidad y el sincretismo cultural. Para ello, ha utilizado la investigación cualitativa, destacando el área de

* É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Mckenzie. E-mail: rochalima42@gmail.com .

observación participante en los ritos practicados en esta comunidad. Presentado como resultado de las tensiones entre la identidad de los dirigentes políticos e la etnicidad e identidad de IEASP y las tensiones en el desuso progresivo de la lengua árabe en la transmisión de mensajes en sus ritos.

Palabras clave: Igreja Evangélica Árabe de São Paulo; etnicidad; inmigración; sincretismo; asimilación; aculturación.

Introdução

Entre os prédios, estações de metrô, estabelecimentos comerciais, industriais e residências da metrópole de São Paulo, vão instalando-se as mais possíveis e variadas formas de organizações religiosas produzidas pela *modernidade*¹. Em meio aos fluxos e refluxos do campo religioso que “se comporta inevitavelmente como uma gangorra, para que um grupo cresça é necessário que outros decresçam” (HEALTON; RIVERA, 2009, p. 131), a cidade de São Paulo ganha uma dinâmica célere de crescimento e diversificação religiosa.

Esta diversidade compõe um imenso e complexo mosaico, formado por grandes, médios e pequenos ladrilhos, das mais variadas formas, cores, tons e brilho.

Neste contexto, um pequeno ladrilho, quase imperceptível, chama a atenção para si por sua matiz e brilho singulares. Trata-se da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo – IEASP, uma construção simples, iniciada na década de 1960 por protestantes sírio-libaneses e descendentes, que lembra o estilo árabe e ocupa cerca de 10 metros de frente na rua Vergueiro, ao número 1.845. Aparentemente, uma proposta diferente de fé, que aguça o estranhamento e a curiosidade daqueles que transitam nas suas imediações; afinal “árabe cristão e, ainda por cima, protestante? Soa estranho aos ouvidos brasileiros” (DELAGE, 2009, p. 6).

Diante dessas inquietações, considerando-se a falta de pesquisas e publicações acadêmicas que contemplem a IEASP, a exiguidade de suas informações históricas, a ausência de informações estatísticas no IBGE, a singularidade do objeto e o valor do estudo de sua continuidade² e mutabilidade a partir da gênese; este artigo tem por objetivo trazer à tona a discussão sobre o surgimento da IEASP, a sua cristalização no cenário religioso da São

¹ De acordo com Hervieu-Léger, “a oposição entre as contradições do presente e o horizonte do cumprimento do futuro, cria, no coração da modernidade, um espaço de expectativas no qual se desenvolvem, conforme o caso, novas formas de religiosidade que permitem superar esta tensão: novas representações do sagrado ou novas apropriações das tradições das religiões históricas” (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 40).

² A continuidade de um organismo religioso depende da sua capacidade de adaptação nas transformações sociais. Deve-se entender que “continuidade não significa imutabilidade. Em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança” (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 57).

Paulo, a evolução do seu sistema religioso e as tensões existentes entre a sua etnicidade e o sincretismo cultural.

Para tanto, serviu-se dos seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa qualitativa – utilizando documentação direta e indireta (observação participante), onde foi colhido amplo material em entrevista com os fiéis.

Contemplou-se os seguintes referenciais teóricos – na história da imigração sírio-libanesa: André Gattaz e Claude Fahd Hajjar; na história da IEASP: Paulo Delage; e na análise das tensões entre a etnicidade e sincretismo: Claude Lévi-Strauss, Danièle Hervieu-Léger e Emílio Willems.

A Imigração Sírio-Libanesa

Em busca de melhor compreensão conceitual, deve-se pontuar que “ao falar da imigração no Brasil, é preciso antes definir o que se entende pela palavra. Em rigor, pode-se considerar toda a história brasileira como um ato de imigração” (PRADO JÚNIOR, 1969, p. 233).

A *emigração/imigração*³ não pode ser compreendida apenas como partida, visto que há todo um contexto social com condições que a engendraram. Mas, deve ser compreendida como um todo, desde as condições que viabilizaram o seu acontecimento até a inserção do imigrante em novo contexto geográfico (país).

Este fenômeno, que, no Brasil, tem o seu início no século XVI, com a imigração portuguesa, não pode ser apreendido de forma singular, mas constitui-se das várias formas e levas imigratórias até o século XX, das mais diversas nações.

A emigração dos povos da Síria e do Líbano começa em 1880, período em que a Grande Síria encontrava-se sob o domínio do Império Otomano (CASTRO, 2007, p. 21). A crise política e econômica desencadeada pela reação das potências europeias (a este Império) converteu-se em risco à sobrevivência de seus cidadãos, levando-os ao movimento de emigração. Conforme assinala Hajjar:

Como causas principais da imigração podemos citar a intolerância do cidadão árabe em servir ao exército otomano; a pobreza da terra; o despreparo do elemento humano para enfrentar a opressão interna e externa de toda ordem; ou as guerras sucessivas e conseqüente fome, desespero e privação (HAJJAR, 1985, p. 33).

³ Os termos *emigração* e *imigração*, que muitas vezes se confundem, são aqui distinguidos pela posição do narrador, apesar de descreverem um único movimento. Via de regra, *emigração* está associada ao indivíduo ou grupo social que deixou o país de origem, e *imigração* a entrada deste em nosso país (*país do narrador*).

A escassez de alimento decorrente da produtividade agrícola minorada, a alta densidade demográfica e o caos econômico predominante, constituíram-se no fator primário e preponderante que alavancou este processo, conforme Gattaz:

O fator que se encontra na origem da emigração libanesa, e que ao longo dos anos desempenhou importante papel, é constituído pelo conjunto de necessidades econômicas e materiais decorrentes da relação entre a pequena produtividade agrícola e a alta densidade populacional que desde meados do século XIX caracterizou aquele país (GATTAZ, 2005, p. 23,24).

Outro elemento que contribuiu para o movimento emigratório foi a rejeição dos maronitas e drusos ao domínio turco-otomano (nos séculos XVII a XIX).

Especialmente entre as heterodoxias cristãs e muçulmanas, com as seitas maronita e drusa, que ao longo do tempo buscaram abrigo nas montanhas do Monte Líbano – até hoje reduto de grupos fortemente preparados militarmente. Nos primeiros anos do século XX, entretanto, diversos acontecimentos levaram a um endurecimento desta oposição (GATTAZ, 2005, p. 25).

Vê-se, então, que o Império Otomano utilizou a ideologia religiosa como instrumento de força política, provocando o conflito entre muçulmanos e cristãos, tornando o serviço militar obrigatório, ou seja, impondo leis civis que se chocaram com os princípios religiosos (NAME, 2009, p. 8), culminando assim, em 1909, na Revolta dos Jovens Turcos.

Por outro lado, o Brasil, desde a regência do Príncipe D. João, com a abertura dos portos, “permitiu a concessão de terras aos estrangeiros e tornou espontânea a imigração” (NAME, 2009, p. 15).

Em 1871, foi adotada a política da imigração subvencionada, contudo, os libaneses que aqui entraram não foram contemplados neste sistema (CASTRO, 2007, p. 24). Pois:

a imigração de japoneses, italianos e alemães se deu em decorrência de um entendimento anterior entre o governo brasileiro e os governos de seus países. Muitos vieram para substituir a mão de obra nas fazendas de café, especialmente depois da abolição da escravatura em 1888. Ao chegar no Brasil, estes imigrantes recebem moradia, trabalho e até salário antecipado. Isso não aconteceu no caso dos árabes que tiveram que buscar seus próprios meios de sobrevivência (SALAWDEH, 1997, p. 18).

A visita do Imperador D. Pedro II em 1876, no Líbano, Palestina e Síria, constituiu-se em estímulo para “muitos dos camponeses da região virem ao Brasil para construir uma nova vida, longe do Império Otomano” (RIBEIRO, 2012, p. 14).

Com a abolição da escravatura, o Brasil demonstrava estar se adequando ao novo *sistema de produção capitalista*⁴ adotado em toda Europa e propiciado pela Revolução Industrial, abrindo espaço para as mais variadas atividades comerciais e industriais.

Vale a pena destacar outros fatores que tornaram as terras brasileiras atrativas à imigração sírio-libanesa, como:

A requisição de mão-de-obra imigrante para a substituição do braço escravo no trabalho agrícola, nas duas últimas décadas do século XIX e três primeiras décadas do século XX, especialmente na província/Estado de São Paulo; a requisição de mão-de-obra especializada para suprir as necessidades da industrialização e urbanização iniciadas nos anos 1930 e acentuadas nos anos 1950; a política imigratória liberal do país – apesar de alguns poucos momentos de restrição e de discursos anti-imigratórios – acompanhada por uma política ampla de concessão de nacionalidade; a possibilidade dos imigrantes obterem ascensão econômica devido à crescente urbanização e desenvolvimento do país (no caso dos libaneses, através do ciclo mascate-lojista-industrial); a liberdade de culto e multiplicidade étnica, que permitiu aos imigrantes não-europeus e não-cristãos serem aceitos na sociedade (GATTAZ, 2005, p. 79).

Ocorreu a primeira leva imigratória do Líbano para o Brasil, entre 1860 e 1870, estendendo-se até 1890; iniciando-se pelo Rio de Janeiro com o surgimento da primeira colônia e logo depois em São Paulo no início do século XX (NAME, 2009, p. 16). Nesta imigrou o maior número de cristãos do Líbano, devido às dificuldades mencionadas, dirigindo-se primeiramente para a Europa e depois para as Américas. O rude tratamento imposto nos alistamentos cristãos pelos soldados maometanos determinou a emigração de milhares de cristãos para fugir do serviço militar (NAME, 2009, p. 8).

Como não vieram subsidiados, os imigrantes libaneses ingressaram na atividade terciária, onde a mascateação tornou-se a solução para a subsistência e futuro enriquecimento. Consequentemente, por intermédio das cartas

⁴ “O Brasil sempre compartilhou do mesmo sistema e das mesmas relações econômicas que deram origem ao capitalismo. O escravismo que predominou aqui não é incompatível com o modo de produção capitalista. A abolição da escravidão será a culminação de um modo de produção já implantado desde o início. A substituição da mão-de-obra escrava não afetou a natureza estrutural da grande exploração capitalista” (REIS, 1999, p. 9).

enviadas ao Líbano pelos primeiros imigrantes, espalhou-se a informação do rápido enriquecimento galgado pelos primeiros mascates (GATTAZ, 2005, p. 36), estimulando o interesse de outros a conhecerem as terras brasileiras.

Num segundo movimento, as levas imigratórias ocorreram de 1945-1955; 1956-1970 e 1971 até hoje (YKEGAYA, 2006, p. 48-57). O Estado de São Paulo liderou o ranking no recebimento dos imigrantes sírio-libaneses, pois fora o seu principal pólo de convergência. Em destaque, a cidade de São Paulo tornou-se um importante centro de atração, devido a sua estrutura comercial, industrial e ferroviária. No início do século XX, apesar de ser de pequeno porte, sua população chegava a cerca de 250.000 habitantes. A Estação da Luz já interligava o interior de São Paulo e o Estado de Minas Gerais ao Porto de Santos para o escoamento dos grãos de café. Na Avenida Paulista estava o Colégio São Luiz, o Sanatório das Irmãs de Santa Catarina e o Instituto Pasteur. A Avenida São João já era itinerário dos bondes elétricos. No centro existia um comércio crescente para a venda de bengalas, chapéus e sapatos.

Diante desta estrutura, os primeiros mascates utilizaram o sistema de consignação para introduzirem suas mercadorias no centro comercial da cidade de São Paulo. A sua aglomeração na região central da cidade levou, inevitavelmente, à constituição de uma colônia, onde o capital acumulado da mascateação logo foi transferido para a atividade comercial. Muitos compraram lojas na região da rua 25 de Março e Florêncio de Abreu, onde se agruparam e serviram de base para a recepção de outras levas imigratórias.

O grande desafio posto, principalmente aos imigrantes da primeira leva, foi a adaptação e integração à sociedade local. Sabedores da fama que os brasileiros tinham da tolerância étnica, eles “reelaboraram os estereótipos correntes sobre a etnia visando excluir os aspectos negativos e reforçar os positivos, na tentativa de forjar uma nova identidade [...]” (GATTAZ, 2005, p. 107).

Em concomitância, eles procuravam os meios para a preservação das tradições culturais e da sua identidade. A família, os clubes regionais, as igrejas e as mesquitas, desempenharam um papel importante na preservação das tradições sírio-libanesas que poderiam ser mantidas sem a preocupação do olhar preconceituoso do “cidadão brasileiro” (GATTAZ, 2005, p. 108).

Os sírio-libaneses trouxeram uma imensa bagagem cultural. A língua, a religião, a indumentária, a culinária; são apenas, alguns dos aspectos desta grande contribuição que se fundiu com a cultura brasileira. A língua, elemento comum na maioria dos imigrantes, foi trabalhada no recesso da casa na sua primeira geração.

Foram fundadas algumas escolas e colégios com o objetivo de se fixar o árabe nas gerações seguintes. Na segunda e terceira gerações houve a perda do contato com a língua, em função da própria assimilação da língua nativa.

Somente em 1944 houve a criação do Centro Brasileiro de Cultura Árabe, sendo mantida uma cadeira de língua árabe na Faculdade de Filosofia da USP (DELAGE, 2009, p. 77,78).

Com relação às crenças e religião trazidas pelos sírios-libaneses, destacam-se dois segmentos, a saber: islamismo e cristianismo. Estes dois segmentos religiosos já estavam presentes no solo brasileiro, este pela colonização portuguesa e aquele por intermédio de alguns escravos trazidos da África que praticavam o chamado *Islã Negro*⁵.

Em São Paulo, de forma célere, as práticas religiosas libanesas foram assimiladas e tomaram os seus contornos visíveis.

Uma vez que a religião desempenha um importante papel de agregação social, conservando a língua, costumes e coesão familiar, os imigrantes sírio-libaneses se organizaram e não tardaram na construção de templos cristãos e mesquitas:

Os movimentos para a construção das Igrejas das três seitas cristãs: (*sic*) Ortodoxa, Melquita e Marunita, iniciaram-se, efetivamente, em 1900, e alcançaram em 1971 cerca de 23 templos; E só, em 1929 foram iniciados os preparativos para a construção da primeira Mesquita, sendo então lançada em São Paulo, em 1941 a pedra fundamental da Mesquita Brasil, pela Sociedade Beneficente Muçulmana, sem nenhuma participação de clérigos muçulmanos. Todos os membros da Sociedade mantinham suas atividades, mesmo clericais, embora sendo leigos, e só depois de quase concluída a Mesquita, é que receberam um “Imán” ou “Chaickh”, vindo do Egito, isso pouco antes da inauguração [...]. Constatamos, ainda no campo espiritual, a acelerada movimentação dos árabes, e em 1917, a demolição pela Prefeitura de São Paulo, de uma igreja Marunita (cuja localização ainda não foi determinada) devida à urbanização da Capital Bandeirante. A 25 de dezembro de 1920, foi fundada a Igreja Protestante Síria, pelo pastor Khalil Simão Racy [...] (COSTA, s/d, p. 79).

São escassas as fontes bibliográficas das tentativas da organização de reuniões, grupos religiosos e igrejas pelos imigrantes protestantes sírio-libaneses em São Paulo (DELAGE, 2009, p. 86). Contudo, Knowlton afirma que por intermédio de um ministro evangélico houve a agregação de um grupo de imigrantes para o estabelecimento do culto protestante em língua árabe (KNOWLTON, 1961, p. 188). Ele está se referindo ao Rev. Khalil Simão Hacy – que imigrou em 1899, retornou para a Síria em 1904, onde realizou

⁵ Termo utilizado por Roger Bastide para designar “a religião muçulmana no Brasil praticada por certos escravos de côr (*sic*) conhecidos pelo nome de Musulmis ou Malês” (BASTIDE, 1971, p. 203).

os estudos teológicos e foi ordenado pastor protestante em 1907, retornando ao Brasil somente em 1920, ano em que ele polarizou o grupo, fundando a Igreja Protestante Síria, exatamente no dia do Natal.

O Rev. Khalil Simão esteve na direção desta igreja até 1935, saindo para aposentar-se, por motivo de idade avançada; ele faleceu em 1944.

Não há registro histórico do que teria acontecido a essa igreja após a saída do Rev. Khalil Simão, mas é certo que após a sua morte houve a sua extinção, sendo que os seus bens foram vendidos e o valor doado aos pobres (DELAGE, 2009, p. 91).

Depois de um período de inatividade (1935 a 1960), quando muitos dos ex-membros da Igreja Protestante Síria passaram a frequentar outras igrejas protestantes, ressurgiu um remanescente fiel que voltou a reunir-se em espaço cedido por outras igrejas e, por fim, nas dependências da Igreja Presbiteriana de Vila Mariana – IPVM, à rua Vergueiro, 2.407. Este é liderado pelo Rev. Ragi Azar Khouri⁶, pastor protestante, imigrante sírio-libanês, credenciado⁷ pelo Sínodo Evangélico da Síria e Líbano⁸ – SENSL, com a

⁶ “Ragi Azar Khouri nasceu em Trípoli, no Líbano, no dia 19 de setembro de 1917. Filho e neto de evangélicos, professou a fé em Jesus aos 16 anos de idade e ordenou-se pastor 20 anos depois. Fez seus estudos na Universidade Americana de Beirute e iniciou seu ministério em Yazadieh, na Síria, como pastor e professor. Veio para o Brasil logo em seguida, onde fundou a Missão Evangélica Árabe do Brasil (1954), a IEASP (1961) (*sic*) e o SILO – Salão Internacional de Leitura e Orientação (1961). Foi proprietário da loja comercial Noiva do Líbano de 1954 a 1972” (KHOURI, 2007, p. 5); em Campinas, recebeu o título de Cidadão Campineiro da Câmara Municipal, Medalha de Honra ao Mérito do Clube dos 21 irmãos e Amigos de Campinas, e pertenceu à Academia Campineira de Letras e Artes (DIAS, 2007, p. 87). Khoury encontra-se entre os formandos do Seminário Presbiteriano do Sul – SPS, de 1953 no *Jornal Brasil Presbiteriano* de 2004, dando a entender que ele concluiu o curso de “Bacharel em Teologia” (NASCIMENTO, 2004, p. 15), contudo, em pesquisa realizada junto àquela instituição, fomos informados que Ragi Khoury fez um curso breve de teologia de 1946 a junho de 1949 na *Near East School of Theology – American Mission – Beirut, Lebanon*, vindo para o Brasil em 1952, e procurando o SPS para cursar algumas matérias como aluno ouvinte em 1953. Nota do autor.

⁷ “Beirute, Líbano. Outubro, 1, 1963. A quem interessar possa: Este visa certificar que o Rev. Ragi Azar Khoury é um pastor ordenado do Sínodo Evangélico da Síria e do Líbano e que ele é o representante oficial do Sínodo entre os evangélicos falantes do árabe do Brasil, América do Sul, desde 1956. Está ele, ainda, autorizado a pregar o Evangelho, a organizar igrejas, e realizar todos os outros serviços pastorais de acordo com os princípios do sistema presbiteriano de governo e doutrina” (DELAGE, 2009, p. 92,126).

⁸ O SENSL tem a sua origem no renascimento evangélico, início do século XIX, quando houve o apoio e teste- munho de missionários da América do Norte e Grã-Bretanha. As autoridades otomanas reconheceram a fé evangélica (*protestante*) em 1848, e as primeiras igrejas foram fundadas em Beirute e em Hasbaya, nas encostas do monte Hermon. Eventualmente, congregações foram estabelecidas na maioria das grandes cidades e em muitas aldeias. O Sínodo é o órgão de administração para as congregações de língua árabe, onde a expressão da fé evangélica segue a política e tradição da fé reformada e presbiteriana. Ele foi organizado em 1920, com a união

finalidade da pregação do evangelho aos falantes da língua árabe no Brasil e seus descendentes.

Após a solicitação dos protestantes sírio-libaneses à IPVM, esta, num conjunto de negociações, cedeu gratuitamente (em 1961), parte das suas *dependências*⁹ para a realização dos cultos da convencionada “Igreja Evangélica Árabe” aos primeiros e terceiros domingos de cada mês, reunindo-se a Igreja Evangélica Árabe – IEA a cada duas semanas.

Após seis anos, a IPVM articulou um conjunto de negociações com a IEA; solicitou, a partir de então, o ressarcimento proporcional das despesas geradas por esta. O assunto foi discutido em várias cartas, e por fim a IPVM datou o prazo final (dezembro de 1967) para a realização dos cultos da IEA, justificando que aquele espaço seria utilizado em reuniões do grupo de adolescentes.

Diante dessas circunstâncias, já em posse de um terreno na avenida Vergueiro, 1.845 (onde havia uma casa velha), os membros da IEA deixaram de usar o salão da IPVM e instalaram-se nas novas dependências, com a concomitante realização dos cultos e construção do templo. No dia 19 de março de 1967, às 18h e com 52 membros em assembleia, constitui-se a IEASP como pessoa jurídica (DELAGE, 2009, p. 95-97).

O sistema religioso da IEASP

O sistema religioso tem função vital na conservação das crenças e costumes de determinado grupo social. Ele labora como elemento didático, organizador de sentido, com práticas coercivas a fim de perpetuar o seu funcionamento. Conforme Marcel Mauss:

No cristianismo o culto tornou-se um simples fato da fé. Este ponto de vista opõe-se claramente em relação aos cultos mágicos do paganismo e aos cultos do Antigo Testamento. Está composto por uma série de atos religiosos, cuja finalidade é de todos os tipos. Em primeiro lugar, podemos considerá-lo como um meio de educação, de crescimento e de conversão religiosa. É também um ato de adoração, de expansão comum e de fé interior [...] Que tem sido realizado com a finalidade de reforçar a fé, e em afeto, dá ao fiel o sentimento de uma “nova vida que se desenvolve”. Existe uma grande harmonia nestes elementos diversos (MAUSS, 1971, p. 416,417, tradução do autor).

de vários presbitérios. Desde 1959, o Sínodo tem assumido a responsabilidade pela direção de quase todo o trabalho dos antigos órgãos missionários dos Estados Unidos, Dinamarca, Holanda, Irlanda, Escócia, França e Suíça (LEBANON, s/d, tradução nossa).

⁹ Foi concedida a cessão do Salão Social do Edifício Isaac de Mesquita (DELAGE, 2009, p. 95).

Faz-se mister destacar que a descrição do sistema religioso, na perspectiva sociológica, deve ser realizada nos âmbitos da construção cultural e social que referencia aquilo que é cognominado de sobrenatural. O último não se constitui aqui como eixo de análise, visto que:

faz parte das idealizações, ou seja, das representações que os seres humanos fazem de seu mundo e de si mesmos. Tais representações são a maneira de construir a realidade na mente. Esse não é um fato puramente automático, não é apenas um reflexo, como o de um espelho que somente pode apreender a realidade tal como ela é, mas sim que a mente humana sempre está realizando um trabalho intelectual sobre a realidade para interpretá-la (HOUTART, 1994, p. 25).

As dependências da IEASP ocupam um terreno com cerca de 10 x 25 metros na rua Vergueiro; sua estrutura externa é singela, composta de um gradil à beira da calçada e fachada de alvenaria com blocos vazados lembrando uma construção típica árabe. No topo central da fachada há a inscrição: “Igreja Evangélica Árabe de São Paulo”, abaixo, o número 1.845.

Em linhas gerais, a IEASP, em sua estrutura interna, é semelhante às igrejas protestantes clássicas (púlpito em destaque, bancos enfileirados, sem imagens ou iconografias e sem batistério); com simplicidade nas linhas e no estilo; a única coisa que a diferencia visualmente são algumas placas com inscrições em língua árabe na parede lateral esquerda.

A IEASP foi constituída em sua gênese na confissão religiosa protestante clássica de linha calvinista¹⁰. Seu fundador, Rev. Ragi Azar Khoury, possuía a formação acadêmico-religiosa no sistema eclesiástico presbiteriano. Portanto, a IEASP tem os símbolos de fé das demais igrejas reformadas calvinistas, a saber, o Breve Catecismo, a Confissão de Fé de Westminster e o Credo Apostólico.

As igrejas presbiterianas são federadas, ou seja, há uma construção hierárquica entre a igreja local, que está subordinada ao Presbitério, este, por sua vez, ao Sínodo e este ao Supremo Concílio. A IEASP, apesar de possuir gênese presbiteriana, é igreja autônoma, pois não se encontra federada ou subordinada a qualquer instância religiosa no Brasil ou fora dele. O seu governo, apesar de ser realizado por presbíteros, é congregacional, “nos moldes batistas de governo”, onde a assembleia decide, inclusive, questões

¹⁰ Cosmovisão fundamentada e difundida por João Calvino (1509-1564), teólogo francês que liderou um dos movimentos da Reforma Protestante do século XVI, com a vasta publicação teológica e ênfase na doutrina da predestinação, a qual se focava “exclusivamente em Deus, não no homem; Deus não existe para os homens, mas os homens existem por causa de Deus. Toda criação, até mesmo o fato, indubitável para Calvino, de que só uma pequena parcela dos homens seria escolhida para a Graça, só poderia ter significado como um meio para a glória e majestade de Deus” (WEBER, 2009, p. 86).

ligadas à admissão, demissão dos seus membros, disciplina eclesial¹¹ e outras (DELAGE, 2009, p. 98).

Em sua estrutura de governo e hierarquia, a assembleia da IEASP é constituída de todos os seus membros devidamente arrolados, não sendo divulgado o seu número exato. Contudo, observa-se em suas reuniões e cultos, minorada presença dos fiéis (cerca de 20 pessoas)¹²; à exceção de datas especiais¹³ com a presença de visitantes e crentes de outras denominações.

O Conselho Administrativo da IEASP é formado, atualmente (2011), por seis membros: o pastor presidente e outros cinco. O pastor é eleito pela assembleia para um período de quatro anos; os demais membros do Conselho Administrativo são eleitos, por aquela, para um período de dois anos (ambos com a possibilidade de múltiplas reeleições). O Conselho Administrativo é composto sem distinção de gênero. Contudo, somente os homens recebem a ordenação de presbíteros, as mulheres são apenas investidas em seus cargos. O pastor e o restante do Conselho Administrativo devem possuir o preparo acadêmico no âmbito teológico; o primeiro, curso de teologia regular e fluência na língua árabe; e o segundo, curso para leigos (que pode ser ministrado pelo próprio pastor).

Os diáconos da IEASP são responsáveis pela manutenção da ordem no culto, dependências da igreja (abertura e fechamento das portas), preparo dos elementos da Santa Ceia, recepção dos visitantes à porta, dentre outras funções. Eles, também, são eleitos pela assembleia, contudo não é exigido o preparo teológico para o exercício de suas funções.

A IEASP não contempla nenhum tipo de ordenação feminina, portanto, não existem *diaconisas*¹⁴, presbíteras ou pastoras.

A Sociedade Auxiliadora Feminina – SAF da IEASP, com data de organização no dia 6 de março de 1966, é uma sociedade de senhoras que está comprometida com a ação social. Esta realiza, periodicamente, um curso de culinária árabe, com a finalidade de conseguir novos adeptos à sua fé e tornar a comunidade mais conhecida.

¹¹ Instrumento adotado, principalmente pelas igrejas reformadas, como forma de censura e punição de caráter espiritual (privação da comunhão e do exercício de cargos), aos membros da igreja que se mostram contumazes na quebra das ordenanças adotadas por esta (LIMA, 2006, p. 37).

¹² Observação de campo realizada nos dias: 8/7/2010 e 5/5/2011 – por ocasião do estudo bíblico às 20h; e, 11/7/2010 e 25/7/2010, por ocasião do culto dominical matutino.

¹³ Observação de campo realizada no dia 15/5/2011, quando, após o culto dominical matutino, houve um almoço oferecido em comemoração ao mês das mães.

¹⁴ A inexistência de diaconisas não se constitui algo exclusivo na IEASP, mas as igrejas de linha reformada: a Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil e a Igreja Presbiteriana do Brasil também não estão abertas para a ordenação feminina, embora o tema da *igualdade entre os gêneros* seja objeto de discussão. Já a Igreja Presbiteriana Independente realiza a ordenação de diaconisas, presbíteras e pastoras.

A IEASP possui a seguinte agenda regular de trabalho semanal: Domingos: 10h30 – Culto Matutino; Terças-feiras: 20h – Reunião de Oração nos Lares e Quintas-feiras: 20h – Estudo Bíblico. As demais atividades desta igreja não são regulares quanto à sua frequência, acontecendo esporadicamente.

O culto dominical matutino é a principal atividade realizada pela IEASP; ele é frequentado por cerca de vinte a trinta pessoas, entre descendentes de árabes (na maioria) e brasileiros. Há um contingente de jovens que cuida do louvor. O programa litúrgico aos domingos, comumente, organiza-se com os seguintes elementos: oração (em árabe), hinos (em português), cânticos espirituais pelo grupo de louvor (em português e em árabe – com as músicas traduzidas e transliteradas), pregação pelo pastor (em árabe, com algumas explicações em português), coleta de ofertas e agradecimento aos visitantes.

A dinâmica ritual no culto dominical na IEASP segue a forma comum do protestantismo clássico. Nela estão elencados os seguintes elementos: a) *a oração*: realizada no início e final do culto e na transição das suas partes – a maioria das vezes em árabe; b) *o louvor*: percebe-se o imbricamento linguístico (árabe/português), onde os cânticos são executados pelos jovens músicos e cantados pela congregação. Alguns são comuns do vocabulário evangélico hodierno (em português), outros em língua árabe (com projeção da letra em árabe, tradução para o português, e a transliteração dos fonemas para ajudar na pronúncia melódica); e alguns hinos em português do hinário batista “Cantor Cristão”; c) *a coleta dos dízimos e ofertas*: realizada por um oficial da igreja que transita discretamente uma sacola entre os bancos – não há gazofilácio, portanto, os membros não precisam ir à frente da igreja; d) *as leituras bíblicas*: são realizadas ora em árabe, ora em português, ou, às vezes, com a tradução seguida (árabe/português); e) o sermão – realizado em árabe/português em cultos distintos, ou mesclada em culto único, dependendo da quantidade de falantes e não falantes do árabe.

Por tratar-se de um ritual ao estilo do protestantismo clássico não há manifestação de línguas estranhas (glossolalia), no estilo pentecostal ou expressões corpóreas acentuadas no momento do louvor.

O estudo bíblico é realizado todas as quintas-feiras a partir das 20h, em árabe/português, e segue o sistema das demais igrejas evangélicas no Brasil: um momento de oração; alguns cânticos do hinário Cantor Cristão ou/e corinhos; e o estudo bíblico (propriamente dito). Todo o período dura cerca de uma hora, terminando com oração.

Tensões entre a Etnicidade e o Sincretismo

O tempo é inimigo insuperável, pois ele modifica os objetos, as pessoas e as instituições, nada escapa ao seu raio de ação. Todavia, apesar de

sua ação modificadora, não se pode deixar de pontuar que ele traz consigo “o novo”.

Analizamos pouco mais de um século dos movimentos da IEASP, bem como as suas tentativas de conservar os traços étnicos diante da dinâmica do tempo. Para a análise das transformações culturais de determinado grupo social (no espaço e tempo), fez-se necessário a utilização de ferramentas construídas para este fim. Emílio Willems serviu-se da concatenação dos instrumentos: assimilação e aculturação para compreender o fenômeno. Para ele, a assimilação é de caráter subjetivo, transforma a personalidade do grupo, ou seja, “os reajustamentos da personalidade que ocorrem em virtude das expectativas de comportamento diferentes. Atitudes novas em combinação com valores novos são índices de reajustamentos consumados e fases do processo de assimilação” (WILLEMS, 1946, p. 17). De forma complementar, para o autor, a aculturação representa o aspecto objetivo que afeta os valores culturais, uma vez que no:

processo de assimilação, o conceito de mudança cultural já está implicitamente contido, pois a substituição de atitudes-valores denota que certos elementos da cultura originária perdem o significado deixando de ser valores. A perda do significado envolve, pouco a pouco, o esquecimento do elemento que desaparece do horizonte cultural da pessoa que o substituiu. Desta maneira, línguas, ideias, conhecimentos e costumes são esquecidos e deixam de fazer parte do patrimônio cultural de um dado grupo social. Quem assimila, perde e adquire cultura (WILLEMS, 1946, p. 36).

Estes dois conceitos: assimilação e aculturação devem ser “comparáveis a anverso e reverso da mesma medalha” (WILLEMS, 1946, p. 37). São estudados de forma separada apenas por uma questão didática, mas articulam-se e permutam-se.

O movimento da emigração sírio-libanesa trouxe em seu bojo a predisposição para a assimilação e aculturação em novas terras. Conforme dito alhures: as condições hostis impostas pelo Império Turco-Otomano, as dificuldades no solo, os conflitos civis, a fome e outros elementos somaram-se na desconstrução social, gerando um desequilíbrio coletivo.

Se, por um lado, valores sociais foram desconstruídos, por outro, surgiram grandes expectativas dos emigrantes sírio-libaneses de progresso na futura terra (o aprendizado de nova língua, novas experiências culturais e o acúmulo rápido de capital). Conforme afirmou Willems:

Parece que atitudes favoráveis à aceitação de valores culturais diferentes existem sobretudo em países de emigração, pois o êxodo coletivo é índice de que a estrutura social está em desequilíbrio. Os encargos que pesam sobre certas camadas da população já não correspondem às compensações que a cultura lhes pode oferecer (WILLEMS, 1946, p. 14).

É fato que os primeiros imigrantes sírio-libaneses que aqui chegaram eram, em sua maioria, cristãos de mentalidade progressista, isto é, com grande predisposição para a assimilação de novos conceitos. Gattaz afirma que estes cristãos emigraram majoritariamente, pois estavam em maior desapego ao solo do que os muçulmanos, “que acreditavam que teriam dificuldades em seguir seus preceitos religiosos em uma terra na qual seriam minoria. Assim a maior parte dos muçulmanos teria preferido os países da África” (GATTAZ, 2005, p. 40).

Isto posto, pode-se afirmar que o processo de assimilação e aculturação dos imigrantes protestantes sírio-libaneses iniciou-se no seu imaginário, a partir do planejamento da emigração e sua predisposição progressista.

A assimilação e a aculturação nas tensões com a etnicidade constituem-se na força vetorial que coloca a religião em movimento. As transformações produzidas por esta serão percebidas por meio do corte transversal no objeto social e posterior análise em comparação a outros cortes realizados no tempo e espaço. A análise da IEASP e suas tensões entre a etnicidade e sincretismo se dará por este viés; na sua gênese (quando sírio-libaneses e descendentes reuniam-se nas casas a fim de celebrar as suas reuniões religiosas), e outras intersecções no tempo e espaço.

Tomando-se a base teórica onde a religião está em movimento, pois “de modo geral, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração à outra é, para toda a sociedade, a condição de sua sobrevivência no tempo” (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 57). Desta forma, procuraremos analisar as tensões na estrutura apresentada no quadro a seguir, com a nomenclatura dos respectivos períodos:

Tabela 1 – Movimentos da IEASP:

Períodos	Data aprox.	Pastor Responsável	Local das Reuniões
1.º Período “As Congregações Independentes”	1900-1919	Não havia	Casas dos fiéis
2.º Período “O Ajustamento”	1920-1935	Rev. Khalil Simão Hacy	Igreja Protestante Síria
3.º Período “A Inatividade”	1936-1959	Não há informações disponíveis	Casas dos fiéis
4.º Período “A Incubação”	1960-1967	Rev. Ragi Azar Khouri	Igreja Americana Igreja Armênia IPVM
5.º Período “A Instituição”	1967-1997	Rev. Ragi Azar Khouri	IEASP
	1998-2011	Rev. Khalil Samara	

As Congregações Independentes (1900-1919)

Neste período, os imigrantes sírio-libaneses já estavam constituídos em colônia nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Knowlton afirma que entre os imigrantes cristãos, a maioria era composta de presbiterianos que se reuniam em “congregações independentes” (KNOWLTON, 1961, p. 98). Em São Paulo e no Rio de Janeiro, já estavam estabelecidas as primeiras Igrejas Presbiterianas do Brasil. Contudo, os presbiterianos sírio-libaneses, com a finalidade da preservação dos costumes, da manutenção da língua árabe e das suas redes sociais, reuniram-se nas “Congregações Independentes”, provavelmente, na “casa dos fiéis” (DELAGE, 2009, p. 137). Não existe, neste período, a figura do pastor sírio-libanês. Os trabalhos são dirigidos de forma autônoma, sem a articulação de um líder regional, apenas líderes locais.

Se, por um lado, a não vinculação do trabalho sírio-libanês à Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB, tinha o intuito de preservar a sua etnicidade; por outro lado, os princípios da religião reformada protestante síria começaram a deteriorar-se; as reuniões minoraram o caráter religioso projetando sua ênfase nos valores culturais. Knowlton e Delage afirmam que com o tempo as reuniões tornaram-se puramente sírias ou libanesas, levando muitos cristãos a tornarem-se inativos ou converterem-se às Igrejas Católicas/Ortodoxas e outros filiarem-se à IPB ou à Igreja Presbiteriana Independente – IPI (KNOWLTON, 1961, p. 98-99; DELAGE, 2009, p. 90).

O Ajuntamento (1920-1935)

A inauguração desta fase se dá com o retorno do Rev. Khalil Simão Racy em 1920 – imigrante sírio-libanês em 1899, que voltou à sua terra em 1904 com a finalidade da preparação acadêmica em teologia; foi ordenado em 1907, regressando ao Brasil com o propósito de aglutinar os ben-árabes (filhos de árabes) protestantes. Safady afirma que:

Em 1922, a comunidade protestante agrupou-se ao redor do ministro Khalil Racy, recém-chegado do Líbano. Al Kassis Khalil (Kassis ou assis, em árabe, significa ministro) alugou um grande salão na rua Florêncio de Abreu, 72 e efetuou os cultos dominicais regularmente, durante vários anos. Assisti a muitas missas (*sic*) naquele salão por ser pegado ao meu consultório. A frequência era numerosa, de famílias ben-árabes ilustres. Uma placa de bronze foi colocada na porta com os seguintes dizeres, em português e em árabe: “Igreja Evangélica Síria”. O nome sírio abrangia, na ocasião, o genérico dos ben-árabes (SAFADY, 1966, p. 301).

Há a intrínseca relação entre língua e cultura, pois “se considera a linguagem como uma condição da cultura, uma vez que o indivíduo adquire a

cultura de seu grupo, principalmente através da linguagem: instruir e educar a criança através de fala e o repreender e lisonjear com as palavras” (LÉVI-STRAUSS, 1987, p. 110). Desta forma, a presença do pastor sírio-libanês vem ao encontro das necessidades dos grupos independentes minorados que se reuniam nas casas e não queriam frequentar as igrejas brasileiras. O anseio era tal que, em 1920 foi inaugurada a Igreja Protestante Síria.

Esta estrutura (pastor e membros falantes do árabe) deveria se constituir um tipo de blindagem que “levanta barreiras a influências estranhas cingindo o grupo de uma couraça destinada a neutralizar o embate de valores provenientes de outras culturas, no entanto, não são intransponíveis e, não raro, a couraça está longe de ter a eficiência desejada” (WILLEMS, 1946, p. 13). Pois, considerando-se o deslocamento das manifestações religiosas articuladas pelos vetores espaço/tempo, a Igreja Protestante Síria, por meio das constantes mudanças em sua localização geográfica, parece apresentar indícios negativos. Visto que, “a igreja foi instalada, inicialmente, à rua da Liberdade, 55 e pouco depois passou para a rua Florêncio de Abreu, 72, onde permaneceu até fins de 1924; posteriormente, mudou-se para o salão do segundo andar do prédio 105 do Parque D. Pedro II”, (HAJJAR, 1985, p. 80), e com a aposentadoria e morte do seu pastor extinguiu-se, inaugurando um período de inatividade.

A Inatividade (1936-1959)

Os historiadores Safady e Knowlton são silentes a respeito deste período histórico e Delage o determina de “dilatada inatividade”. Contudo, em entrevista, o pastor Khalil Samara afirma que, com a extinção da Igreja Protestante Síria e após a morte do Rev. Racy, o grupo volta a se reunir nas casas: nas cidades de Campinas, São Paulo e Santos (DELAGE, 2009, p. 137).

Willems afirma que “todo processo de assimilação é caracterizado por uma fase de desorganização pessoal cuja duração e intensidade variam em função de fatores diversos” (WILLEMS, 1946, p. 18).

Estes movimentos de aglutinação e dissociação no grupo dos árabes protestantes evidenciam a dificuldade na construção e manutenção de sua identidade, visto que “a eficácia na reprodução da tradição protestante pode ser avaliada pelo sucesso na construção de identidades” (RIVERA, 2002, p. 57).

A identidade do grupo está alicerçada na identidade do seu pastor, a ausência do ministro constitui num entrave para o grupo de protestantes árabes, período onde parece haver a maior tensão entre a etnicidade e a aculturação.

A Incubação (1960-1967)

O início deste período, que acontece durante o segundo movimento imigratório de sírio-libaneses, é marcado pelo crescimento numérico dos

protestantes. Novamente as casas não proporcionam o espaço suficiente para a realização das suas reuniões, a solução é procurar maior espaço para tal fim. Conforme o pastor Khalil Samara, o grupo serviu-se dos espaços concedidos pela *Igreja Americana*¹⁵ e depois pela Igreja Armênia (DELAGE, 2009, p. 137).

Já o período cedido pela Igreja Armênia certamente constituiu-se em grande tensão entre etnicidade e sincretismo, pois arquitetura estrutural da hospedeira: os vitrais, as imagens, os oratórios, somados ao ritualismo, destoaram da ideologia religiosa do grupo de árabes protestantes. E, mesmo que eles tenham utilizado um espaço menos pululado de ícones religiosos, certamente se constituiu grande tensão entre o emocional e o cultural, considerando que:

Do lado emocional, abre-se a possibilidade de exprimir um crer sem tradição, vivido no imediato da fusão comunitária. Do lado cultural, a memória coletiva perde seu caráter ativo e se constitui numa sorte de patrimônio de lembranças, que não mobilizam mais uma fé comum: não é outra coisa que uma tradição sem crer (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 47).

O alívio desta tensão se cristalizará no encontro de um espaço físico apropriado; desta forma, procederam na solicitação de espaço para a realização dos cultos dominicais na IPVM, igreja protestante de tradição reformada.

Com os devidos ajustes por meio da troca de correspondências, a IEA passou a realizar os seus cultos vespertinos nos primeiros e terceiros domingos de cada mês.

A IEA utilizou as dependências da IPVM até o ano de 1967, quando esta *solicitou o espaço*¹⁶ para reuniões dos adolescentes.

Não se sabe, ao certo, em que parte deste período passa a figurar, como líder, o Rev. Ragi Azar Khouri; aprecia-se por enquanto a seguinte informação: “Em São Paulo Al-Kassis Ráji efetua missas dominicais cada primeiro domingo do mês, à rua Vergueiro, n.º 2407” (SAFADY, 1966, p. 302).

A Instituição (1967-1997)

Este período é marcado pela fixação da IEASP no espaço geográfico: Rua Vergueiro, 1.845, e a sua organização como *Pessoa Jurídica*¹⁷ – por meio

¹⁵ Trata-se, provavelmente, da Catedral Metodista de São Paulo, que até 1930 estava sob a direção dos estadunidenses.

¹⁶ Ao início de 1967 instaurou-se um conflito entre a IPVM e a IEA com relação à gratuidade da cessão do espaço. Ele está bem documentado na pesquisa de Delage, e resulta na entrega do espaço pela IEA (DELAGE, 2009, p. 94-96).

¹⁷ Desde 1961 o grupo de protestantes sírio-libaneses que se reunia nas igrejas hospedeiras era conhecido como IEA ou IEASP, mas somente em 1967 é que ele se constitui como pessoa jurídica de fato e direito. Nota do autor.

da sua primeira assembleia no dia 19 de março de 1967, com 52 membros. A presença do Rev. Ragi foi o elemento fundamental na construção da identidade do grupo. Ele casou-se com a filha de um presbítero da antiga Igreja Protestante Síria, construindo laços afetivos com o grupo. Sua identidade confessional (*protestante presbiteriano*) estava bem definida na sua formação no *Near East School of Theology – American Mission – Beirut, Lebanon*, sua reciclagem no Seminário Presbiteriano do Sul – SPS, em 1953, e no seu credenciamento no SENSL, todos de confissão reformada protestante.

Residindo em Campinas, com comércio nesta cidade, o Rev. Ragi Khoury também possuía laços com a IPB, com o SPS (onde cursara algumas matérias como aluno ouvinte), e também com a Igreja Presbiteriana Independente – IPI, participando de reuniões dos Concílios Superiores e recebendo professores e ex-alunos do Seminário em sua casa (NASCIMENTO, 2004, p. 15).

No dia 25 de novembro de 1979 realizou-se a inauguração do templo da IEASP. Sua fachada lembra o estilo árabe; e o salão de cultos, ao estilo protestante clássico, com poucos elementos que remetem à cultura árabe, a saber: duas placas com inscrições em árabe com o respectivo significado conforme relato de Delage:

No seu interior não há luzo, ícones ou imagens, como é próprio de igrejas protestantes. Há na lateral direita de quem entra no templo, dois quadros com inscrições em árabe, sendo um deles a saudação costumeira do apóstolo Paulo: “Graça, e paz a vós outros” (1 Co. 1:3) e outro dito de Jesus: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo. 8:32) (DELAGE, 2009, p. 97).

Neste período, a IEASP desenvolve toda a sua agenda semanal na língua árabe: o culto dominical, a escola bíblica dominical (quando havia), os estudos bíblicos, as reuniões de oração, os cânticos; só ao final do sermão havia um pequeno resumo em português, conforme relato do Rev. José Paulo (DELAGE, 2009, p. 142).

Neste caso, três elementos concatenados tendem a funcionar para a preservação da etnicidade: o uso contínuo da língua árabe, a teologia protestante reformada e o espaço geográfico. Estes elementos tendem a polarizar os ben-árabes e repelir os possíveis prosélitos. Pode-se assinalar que estes trinta anos foram os de menor tensão entre a etnicidade e o sincretismo.

Ao final deste período há uma transição pastoral, o Rev. Ragi, com idade avançada, deixou a liderança da IEASP, sendo sucedido pelo pastor Khalil Samara.

Khalil nasceu em Beirute – Líbano, imigrou para o Brasil em 1976 – enviado como evangelista pela Igreja Nacional de Bagdá, e estabeleceu contatos

com o Rev. Ragi em Campinas – SP, criando os primeiros vínculos com a IEASP (DELAGE, 2009, p. 137). No ano de 1998, por intermédio de eleição pelos membros da igreja, assumiu o pastorado desta, sendo o seu pastor atual.

A IEASP adotou como *condição fundamental*¹⁸ para o exercício do pastorado que o candidato tenha etnia árabe ou, em casos excepcionais, ben-árabe – falantes da língua. Esta condição funciona como dispositivo para a manutenção da etnicidade.

O pastor Khalil, diferentemente de seu antecessor, é de origem e possui formação teológica batista (DELAGE, 2009, p. 108,114); desta forma, tem estreito vínculo com as igrejas de confissão batista, sendo missionário ativo da Junta de Missões Mundiais (órgão batista), atuando como supervisor dos missionários no Oriente Médio.

A mudança na identidade confessional do líder reflete-se de forma direta no deslocamento da identidade confessional da IEASP. E, embora exista uma placa no *hall* de entrada da igreja afirmando sua filiação ao SENSL, esta não é confirmada nos seus ritos e ordenanças. Configura-se aqui grande tensão entre a etnicidade e sincretismo; e, apesar de parecer suave, pode ser percebida no ponto nevrálgico do conflito das linhas teológicas calvinista (do SENSL) e batista: “o batismo”. Este rito, outrora realizado pela IEASP nos infantes (pedobatismo) e por aspensão (em conformidade com sistema presbiteriano), agora é realizado na “idade da razão” e pela imersão em águas de rio (de acordo com o sistema batista), ou na forma que solicitar a família ou o batizando.

As igrejas batistas e presbiterianas, embora sejam ramos da Reforma Protestante do século XVI, possuem identidades e fronteiras bem definidas, por conseguinte, excludentes na mesma intensidade. Devido ao crescente pluralismo religioso, associado ao trânsito religioso, percebe-se, como resultado, a circulação de ideias e práticas, onde estas e aquelas se incorporam e são incorporadas em outros segmentos em estado de competição (ALMEIDA, 2004, p. 19).

Outro ponto de tensão pode ser percebido no atual uso das línguas portuguesa/árabe nas atividades da IEASP. Considerando-se que o uso exclusivo da língua árabe exclui os não árabes, e esta exclusão pode afetar os ben-árabes ou os cônjuges não-árabes, a utilização das duas línguas parece resolver a questão. Todavia, não existe regra estabelecida para a resolução do conflito. As reuniões são realizadas com porções em árabe e português, meio que sob demanda. Na ritualística percebe-se o imbricamento dos elementos linguísticos, com os cânticos do hinário Cantor Cristão e alguns corinhos

¹⁸ “Por informação do Rev. Kalil sabe-se que, para ser pastor da Igreja, é necessário ser árabe (natural), ou descendente de árabe e falante deste idioma” (DELAGE, 2009, p. 99).

em árabe. Esta tem sido uma tarefa *hercúlea*¹⁹ para a liderança, pois esta já tentou realizar dois cultos: em árabe e em português, dividindo, por consequência, algumas famílias (falantes e não falantes); em árabe intercalando com tradução em português (pelo pastor), dobrando o tempo da mensagem e cansando os seus ouvintes.

O curso de língua árabe, fornecido pela igreja a custo reduzido, é outro dispositivo para tentar resolver esta questão. Contudo, nem todos os alunos procuram as aulas com interesses religiosos ou étnicos.

Está disponível no *hall* de entrada da IEASP vasta produção bibliográfica, à guisa de folhetins, nas línguas árabe (maior parte) e portuguesa. Já o boletim oficial da igreja está 100% em língua portuguesa, e, novamente encontramos elementos que se tencionam entre a etnicidade e sincretismo nas línguas.

Com relação à indumentária, os membros da IEASP não utilizam nenhum tipo de vestimenta árabe, as mulheres não usam véu ou burcas.

No quesito das relações de poder entre os gêneros, como tratado alhures, a IEASP tem por bem definida a delimitação dos cargos entre os gêneros. Com relação ao oficialato da igreja, ou seja, pastores, presbíteros e diáconos, somente os homens podem exercê-lo. Contudo, nos demais cargos e funções há a participação ativa das mulheres. Isto é observado no boletim informativo dominical de janeiro, onde consta a diretoria para 2011 e demais nomeações, sendo que: na diretoria: 33% são mulheres e 67% homens, onde aquelas ocupam 100% dos cargos da tesouraria (*I e II tesoureira*); nos ministérios e grupos: 33% são homens e 67% mulheres.

Considerações finais

A análise dos resultados da pesquisa pode ser compreendida em três planos principais. No plano linguístico, a assimilação da língua portuguesa foi inevitável, sem a qual esta comunidade estaria fadada ao desaparecimento. Considerando-se que há cerca de um século os cultos eram realizados 100% na língua árabe, esta transição, que descaracteriza a essência da IEASP, constitui-se em elemento essencial para a sua continuidade. O oferecimento das aulas de árabe fundamenta-se na tentativa de tornar esta língua majoritária na oralidade cültica. Todavia, a utilização dos corinhos e do hinário Cantor Cristão (em português), provoca tensão entre a manutenção da etnicidade e a acomodação dos ben-árabes e cônjuges não árabes.

¹⁹ Em agosto de 2010, ao início desta pesquisa, a IEASP apresentava estrutura do culto dominical em duas partes: a *primeira* – para os “não falantes” da língua árabe e, a *posterior*, para os “falantes” do árabe. Contudo, a iniciativa de se fazer dois cultos (português/árabe), parece não ter agradado, já que em fevereiro de 2011 a igreja volta a realizar apenas um culto articulando as duas línguas no sermão pastoral, dobrando praticamente o tempo gasto na pregação. Nota do autor.

No plano geográfico, a IEASP parece ter alcançado o equilíbrio, contudo sua estrutura arquitetônica está em grande contraste com os demais imóveis laicos e eclesiásticos nas adjacências. A modernidade, com seus padrões de arquitetura retilínea, com espelhos e comunicação visual chamativa, não foi adotada pela IEASP, que continua transmitindo na sua arquitetura original os elementos visíveis do conservadorismo.

No plano da identidade religiosa, o deslocamento é profundo e mais recente. A transição da teologia reformada calvinista para a teologia batista reflete-se em vários elementos, como: batismo infantil, o modo do batismo (imersão), a forma de governo (congregacional), e a utilização do ensino teológico batista.

Por fim, considerando-se o processo de assimilação e aculturação dos teuto-brasileiros e seus movimentos no último século, onde bastou a perda da língua para que se tornasse quase impossível a prática da religião (luterana), com a conversão ao “catolicismo e a outros credos protestantes” (WILLEMS, 1946, p. 484), parece pouco provável que a IEASP tenha um desfecho diferente. Contudo, a sua liderança, consciente do exemplo luterano, tem procurado retardar este processo, tomando como principal missão a evangelização de seus patrícios árabes no Brasil e lá fora, tendo no seu pastor vigente a principal peça neste processo.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo. *Religião na Metrópole Paulista*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27, 2004.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. 567 p.

CASTRO, Cristina Maria. **A Construção de Identidades Muçulmanas no Brasil**: um estudo das comunidades sunitas da cidade de Campinas e do bairro paulistano do Brás. 2007, 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

COSTA, Virgínia. **História da Imigração no Brasil**: as famílias. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, s/d.

DELAGE, Paulo Audebert. **Igreja Evangélica Árabe de São Paulo**: inserção, estruturação e expansão na adversidade-diversidade sócio-cultural da cidade de São Paulo. 2009.154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

DIAS, Rachel Santos. **Semeadura**. Campinas: Academia Campineira de Letras e Arte, 2007.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: História Oral de Imigrantes. São Paulo: Gandolf Editora, 2005. 160 p.

- HAIJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone Editora, 1985. 231p.
- HEALTON, Tim; RIVERA, Dario Paulo Barrera. A diversidade religiosa brasileira e suas dimensões sociais segundo o censo do ano 2000. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 129-145, 2009.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. A Transmissão Religiosa na Modernidade: Elementos para a Construção de um Objeto de Pesquisa. **Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo Ano XIV, n. 18, p. 39-54, 2000.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**. Petrópolis: Vozes, 1999. 238 p.
- HOUTART, François. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Editora Ática, 1994. 144 p.
- KHOURI, Ragi Azar. Amigo da terceira idade. **Revista Ultimato**, cartas à redação, ed. 304, p. 5, jan./fev. 2007.
- KNOWLTON, Clark Shumway. **Sírios e Libaneses**: Mobilidade Social e Espacial. São Paulo: Anhambí, 1961.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1987.
- LIMA, César Rocha. **A Disciplina Eclesiástica**. 2006, 39 f. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (Bacharel em Teologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- MAUSS, Marcel. **Instituição y Culto – Obras II**. Barcelona: Barral Editores, 1971.
- NAME, Paula Carmo. Análise da História de Vida dos Primeiros Imigrantes Sírio-Libaneses e sua Trajetória no Brasil. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**: GT09 – Estratificação e Mobilidade Social. Rio de Janeiro: SBS, 2009. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=225&Itemid=171 Acesso em: 18 abr. 2011.
- NASCIMENTO, Luciene. **50 anos de formatura reúne pastores em Campinas**. Brasil Presbiteriano, São Paulo, mar. 2004. Disponível em: http://www.ipb.org.br/versao_pdf/bp_marco2004.pdf Acesso em 15 mai. 2011.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Brasiliense, 1969. 339 p.
- REIS, José Carlos. Anos 1960: Caio Prado Jr. e “A Revolução Brasileira”. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, p. 245-277, 1999.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A Implantação e o Crescimento do Islã no Brasil. **Estudos de Religião**, Brasil, 26, dez. 2012. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/indez.php/ER/article/view/3082/3273>. Acesso em: 11 abr. 2013.
- RIVERA, Dario Paulo Barrera. Desencantamento e Reencantamento: Sociologia da Pregação Protestante na América Latina. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, Ano XVI, n. 23, p. 56-81, 2002.
- SAFADY, Wadih. **Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida**. Belo Horizonte – MG, Gráfica Santa Maria, 1966. 316 p.

SALAWDEH, Omar Khattab. **Manutenção e Mudança de Língua:** Um Estudo da Comunidade Árabe em São Paulo. 1997, 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Campinas, Campinas: 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 4. ed. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2009. 336 p.

WILLEMS, Emilio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. 465 p.

YKEGAYA, Tupiara Guareschi. **Imigração Árabe em Foz do Iguaçu:** A Construção de uma Identidade Étnica, 2006, 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2006.

Submetido em: 26-6-2012

Aceito em: 19-9-2013